

Segundo confinamento em Portugal visto pelas crianças e jovens

Clarinda Barata

ESECS, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, clarinda.barata@ipleiria.pt.

Resumo

O número casos de infeção por sars cov 2 covid 19, derivado à presença da nova estirpe designada de estirpe britânica, no início do presente ano em Portugal subiu e era imperioso quebrar as cadeias de transmissão de Covid-19, tal como aconselhava a Organização Mundial de Saúde (OMS). O governo português viu-se obrigado a fechar de novo as escolas, pela segunda vez, mas desta vez interrompeu todas as atividades letivas por um período de 15 dias a partir de 21/01/21, com posterior compensação ainda no presente calendário escolar. O desconfinamento foi planeado de forma gradual, tendo regressado às escolas a 15/03/21 as crianças que frequentavam creches, jardins de infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) a 15/03/21, seguidamente 2.º e 3.º CEB a 05/04/21 e, por fim, o ensino secundário e superior a 19/04/21.

Educadores e professores dos diversos níveis de ensino, desde o início do ano letivo, estavam preparados para um eventual novo confinamento.

A presente investigação que aqui se dá conta tem por objetivos: perceber como é que as crianças/jovens percecionaram, viveram e geriram este 2.º confinamento e identificar as principais diferenças vivenciadas/sentidas durante esse período, comparativamente com o 1.º confinamento.

Aplicou-se um questionário – através da plataforma GoogleForms e disponibilizou-se nas redes sociais em março de 2021. O inquérito tinha como objetivos: caracterizar a amostra; recolher informação relativa à forma como as crianças e jovens percecionaram, viveram e geriram este 2.º confinamento e identificar as principais diferenças vivenciadas/sentidas durante esse período, comparativamente com o 1.º confinamento. Ressaltou que apesar de estarem mais preparados para a situação sentiram mais trabalho, cansaço, ansiedade e desgaste emocional; foi benéfico a existência de aulas síncronas; sentiram falta dos amigos, professores e família colmatadas com videochamadas.

Palavras chave: *educação, relações sociais, confinamento.*

Introdução

Em virtude do aparecimento da nova estirpe na sociedade portuguesa, referida como estirpe britânica, onde se verificava um crescimento muito acentuado da presença desta estirpe obrigou que 21 de janeiro de 2021, houvesse um comunicado feito pelo Primeiro Ministro após a reunião do Conselho de Ministros, onde se estabeleceu a interrupção de todas as atividades letivas durante um período de 15 dias a ser posteriormente compensada no calendário escolar.

Neste segundo confinamento, assistiu-se a uma menor variedade de situações no terreno, ou seja, na generalidade do país todos estavam melhor preparados e apetrechados para implementar sessões síncronas.

O governo português, através do Ministério da Educação consciente de que o acesso às tecnologias e à internet, em pleno século XXI em Portugal, ainda é desigual manteve no ar, desde o início do ano letivo 2020/2021, o programa televisivo estudo em casa transmitido em canal aberto. Contudo, era imprescindível estudar como é que as crianças e jovens estavam a lidar pela segunda vez com o confinamento geral.

O presente artigo é o resultado da aplicação de um inquérito por questionário, disponibilizado nas redes sociais em março de 2021 e foi respondido por crianças e jovens, com o objetivo de: caracterizar a amostra; recolher informação relativa à forma como as crianças e jovens percecionaram, viveram e geriram este 2.º confinamento e identificar as principais diferenças vivenciadas/sentidas durante esse período, comparativamente com o 1.º confinamento.

Repercussões do COVID na educação e relações sociais

As escolas são locais de aprendizagem a vários níveis, não só de conhecimentos, saberes académicos como de aprendizagem social e de interação. Assim, quando assistimos ao encerramento das mesmas, seja em momentos habituais, como as pausas letivas, ou em momentos inesperados como o que fomos obrigados a vivenciar, representa para as crianças e jovens uma diminuição do contacto social tão necessário para a aprendizagem e desenvolvimento do ser humano (UNESCO, UNESCO).

Com a nova estirpe na sociedade portuguesa, onde se verificava uma transmissibilidade muito acentuada todas as instituições educativas desde a creche ao ensino superior encerraram, tendo as crianças e jovens ficado em isolamento. Depois de 15 dias de paragem letiva, período essencial, para que os docentes redefinissem o rumo ao percurso inicialmente traçado, assistimos a um esforço no sentido de se garantir que as aprendizagens escolares continuassem, pese embora tenham deixado “de ser possíveis as brincadeiras entre pares, as partilhas, as relações sociais com contacto físico”. Ainda com a limitação de deslocação entre concelhos, “muitas destas crianças viram-se privadas da relação com outros familiares, nomeadamente com os avós, até então peças fundamentais e presença assídua no dia-a-dia e

educação dos netos”. Portanto, o contacto físico e a proximidade são um pilar essencial no desenvolvimento social, cognitivo e na estabilidade emocional de todos (Rainho, 2020)

Neste sentido, com o segundo confinamento não foram somente as aprendizagens escolares que ficaram comprometidas, mas também as interações sociais e o desenvolvimento e crescimento pleno de cada cidadão, na medida em que, é em contexto escolar que as crianças e jovens saem do seio familiar e aprendem mais sobre si e sobre o mundo, reconhecem novas ideias e novas formas de se comportar (Figueiredo, 2020).

No contexto português, à semelhança de outros contextos a pandemia desnudou as desigualdades sociais. Os mais carenciados são mais prejudicados por terem menos acesso às tecnologias, à informação e à supervisão do adulto (Figueiredo, 2020). Apesar de todo o potencial que a tecnologia acarreta não podemos pensar que o caminho a empreender passa pela aprendizagem à distância. Nada substitui o contacto presencial. Esta passagem para o ensino à distância de forma tão abrupta, implicou que por parte da tutela, houvesse uma preocupação no sentido de colmatar carências identificadas no terreno de desigualdades de acesso a equipamento tecnológico.

Conforme realça Cifuentes-Faura (2020) “esta pandemia también puede provocar un impacto y un desgaste psicológico en los niños. Estos se enfrentan diariamente a una serie de factores estresantes como la duración prolongada del confinamiento, la falta de contacto en persona con los compañeros de clase, el temor a ser infectados, la frustración y el aburrimiento por no poder jugar ni ver a muchos de sus amigos o la falta de espacio en casa” (Cifuentes-Faura, 2020 , p. 3).

Estas dificuldades, por força do confinamento, impeliram que a globalidade das pessoas tivessem de reinventar a forma de se relacionar entre si. Assim, as crianças e jovens arranjaram formas alternativas de manter os seus contactos “através das redes sociais e da internet”. Contudo, convém realçar que se por um lado as tecnologias forma facilitadoras “no encurtamento das distâncias, por outro, o tempo excessivo de ecrãs, os perigos relacionados com a internet e o cyberbullying podem levar a problemas diversos na saúde física e mental dos mais jovens”. (Figueiredo, 2020)

Em tempos tão conturbados como os que estamos a viver “estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos nesse período é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena (MAIA; DIAS, 2020)” (Dias & Pinto, 2020, p. 546)

Metodologia

A presente investigação consistiu na aplicação de um inquérito por questionário – através da plataforma GoogleForms e disponibilizou-se nas redes sociais em março de 2021. Estava dividido em duas partes: a primeira parte visa caracterizar a amostra; a segunda parte pretendia recolher informação relativa à forma como as crianças e jovens perceberam, viveram e geriram este 2.º confinamento e identificar as principais diferenças vivenciadas/sentidas durante esse período, comparativamente com o 1.º confinamento, quer através de perguntas abertas, quer através de questões recorrendo à escala de Likert – registando o grau de concordância com uma dada afirmação. A informação recolhida foi analisada recorrendo-se para o efeito ao tratamento estatístico.

2.1 Caracterização da Amostra

Nesta investigação responderam 118 crianças e/ou jovens cuja média de idades é de 12 anos. 52,5% são do sexo feminino e 47,5% são do sexo masculino. No que diz respeito ao nível de ensino: três frequentavam o Jardim de Infância; 38 frequentavam o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB); nove frequentavam o 2.º CEB; 14 frequentavam o 3.º CEB, 42 o Ensino Secundário e dois o Ensino Superior. 94,1% frequentam a escola pública. Os respondentes pertenciam a diferentes distritos a saber: 85 viviam no distrito de Leiria; 15 pertenciam ao distrito de Lisboa; sete ao distrito de Santarém; quatro ao distrito de Setúbal; três ao distrito de Faro; um ao distrito de Évora e um do distrito de Coimbra. 87,3% tinha irmãos. 48,5% eram mais novos, 37,9% eram mais velhos e 13,6% tinham irmãos mais novos e mais velhos.

Apresentação dos dados

Quando questionados se costumavam brincar com os irmãos, 73,8% assumiu que sim. 74,8% considerou que ter irmãos compensou de alguma forma a falta de amigos, nomeadamente, na quebra de solidão, poder brincar, conversar, tal como se pode verificar nos seguintes excertos:

“Ter irmãos é uma companhia indispensável. Em tempos de pandemia, é uma força que não nos abandona nunca, mesmo nos tempos mais difíceis. Ter irmãos é a certeza de um amigo”; “Sim porque não estamos completamente sozinhos”;

“Porque tenho com quem brincar, zangar quase tudo igual como na escola”; “Fortaleceu a relação”; “assim meio que esqueço da tristeza que é ficar sem os amigos”;

“Sem dúvida que ter irmãos ajuda no confinamento, uma vez que já que não temos os amigos, podemos sempre brincar e estar com eles (com os nossos irmãos). Isto pode ser assim simples para mim porque me dou muito bem com a minha irmã e porque ela tem apenas 2 anos de diferença de mim, mas acredito que isto seja mais complicado quando os irmãos têm uma grande diferença de idades”.

Com estas respostas ressalta a ideia apresentada e defendida por (Rainho, 2020) relativamente à necessidade e importancia do contacto físico no desenvolvimento social e estabilidade emocional.

Quando questionados como consideraram ter feito a gestão das tarefas, em que 1 correspondia a péssima e 5 a ótima, verificamos que 61% conseguiu gerir bem as suas tarefas, 32,2% não geriu nem bem nem mal as tarefas e 6,7% considerou que fez uma má gestão.

Relativamente ao tempo médio despendido por semana com as tarefas escolares obtivemos que o tempo mínimo por semana foi de 5horas e o máximo de 20h, o que nos casos máximos esteve muito próximo de um horário presencial, tendo existo assim uma maior exposição das crianças e jovens em frente aos ecrãs (Figueiredo, 2020) conforme se pode ver no Gráfico 1:

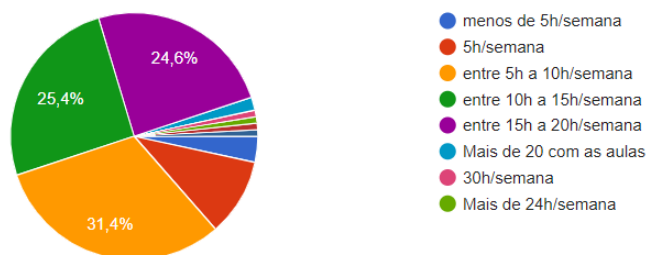


Gráfico 1 – Tempo despendido nas tarefas por semana.

Quando questionados se consideraram que as propostas de trabalho desenvolvidas pelos professores foram primordiais, numa escala de Lickert, em que 1 correspondia a discordo totalmente e 5 concordo totalmente, verificamos que para 74,6% foram primordiais e que 20,3% nem concordam nem discordam. Já no que concerne se consideraram que o trabalho sugerido pelos professores tenha sido adequado verificou-se que a maioria (67,2%) considerou adequado. Durante este segundo confinamento 82,2% teve contacto diário com os professores. De acordo com os respondentes, este contacto, foi importante porque, essencialmente: permitiu continuar as aprendizagens, esclarecer dúvidas, matar as saudades, fortalecer laços afetivos, devolver uma certa normalidade, quebrar o isolamento imposto, o que corrobora as ideias defendidas por Dias & Pinto (2020) quando referem que as relações sociais entre educadores e alunos é fundamental, na medida em que ajuda a diminuir o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes, tal como se pode verificar pelos excertos que se seguem:

“Mantivermos sempre contacto, conseguimos ter aulas perfeitamente através do teams, realizavam os fichas trabalhos, conseguimos tirar dúvidas”.

“Além de estar a conviver e a conversar com alguém, estava também a aprender e a tirar dúvidas”.

“Foi uma das poucas formas de socialização que existiam”.

“Senti que estávamos no mesmo barco. Estávamos todos a passar pelo mesmo. E que estávamos aqui para nos ajudar-nos uns aos outros”.

Durante este segundo confinamento, verificou-se que o contacto feito com os professores: para 38,1% foi feito só com recurso sessões síncronas; para 7,6% foi feito só através de sessões assíncronas e para 58,5% foi feito de ambas as formas. Relativamente às modalidades de trabalho propostas pelos professores as que foram mais do agrado dos alunos destacam-se: as práticas, a visualização de vídeos, jogos interativos e as de ar livre. A receptividade às propostas de trabalho dos professores foi ótima para a maioria de 72,9% para os restantes não foi boa nem má. Para 51,7% a receptividade às propostas feitas pelos professores deveu-se ao seu interesse, para 38,1% ao facto de terem acessibilidade a equipamentos tecnológicos e internet. Contudo, não deixa de ser curioso que apesar da receptividade da maioria ser ótima 46,6% referiu que essa receptividade foi influenciada pelo cansaço. Quando foi pedido aos respondentes que dissessem o que é que as alterações de trabalho exigidas acarretaram, verificamos que 45,8% destacaram maior stress e maior cansaço, 43,2% melhor gestão do tempo, 35,6% maior volume de trabalho, 33,9% maior ansiedade, 28% maior desgaste emocional, 26,3% maior flexibilidade do seu horário e 25,4% estar disponível quase permanentemente. Relativamente à principal diferença entre este confinamento e o anterior os respondentes destacaram: mais aulas síncronas, mais trabalho, melhor organização por parte dos professores, menos brincadeira, maior cansaço, desgaste emocional,, conforme se pode ver:

“Este foi mais organizado eu sabia quando ia começar a escola e se era português ou matemática e a mãe preparava sempre a escola comigo”.

“Tínhamos uma planificação semanal com todos os trabalhos propostos pelos professores o que fez com que tivéssemos capacidade de gerir o nosso tempo, o que não aconteceu no outro confinamento”.

“Este confinamento atual tem melhor distribuição de trabalhos semanais”.

“Este foi mais cansativo e exaustivo a nível emocional”.

“Mais aulas, mais matéria, mais tempo no computador”.

Quando questionados sobre o que sentiram mais falta neste confinamento e o que fizeram para ultrapassar essa falta verificamos respetivamente que: sentiram falta dos amigos e da família, de ter liberdade até para ir ver o mar. Para ultrapassar recorreram às vídeochamadas e às redes sociais, a jogos online com os amigos, brincaram com os pais e irmãos.

Por fim, quando questionados se estavam felizes com o regresso às aulas presenciais, foi notório o contentamento da maioria, o que vem reforçar a importância das relações sociais com contacto físico (Rainho, 2020) como se pode verificar pelo gráfico que se segue:

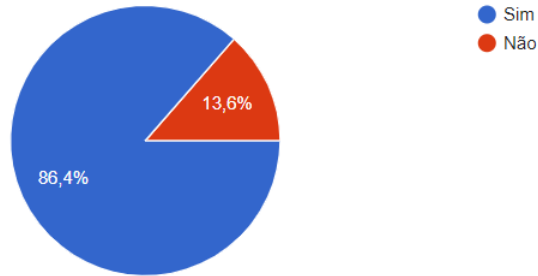


Gráfico 2 – Estás feliz com o regresso à escola?

Considerações finais

Podemos dizer que estávamos perante um grupo de respondentes, muito heterogéneo e representando diversos pontos de Portugal, ainda que a maioria dos respondentes residam no distrito de Leiria.

Ressaltou que apesar de estarem mais preparados para a situação de confinamento e sendo detentores de uma experiência anterior sentiram mais: trabalho, cansaço, ansiedade e desgaste emocional, fruto de, num curto período de tempo, se verem privados da sua liberdade, dos contactos físicos que comprometeram não só as aprendizagens cognitivas como o desenvolvimento e crescimento pleno de cada cidadão, só possível com a interação direta com os seus pares. Neste 2.º confinamento, assistimos, por parte dos docentes, a adoção de um ensino que se pautou pelo recurso a aulas síncronas, proveniente de aprendizagens anteriores, que foi sentido como benéfico por parte das crianças/jovens. Uma vez mais foi realçada a falta dos amigos, professores e família, ou seja, do contacto físico colmatadas com videochamadas. Foi expressivo o contentamento destes respondentes regressarem à escola que representa o regresso às interações sociais, ainda que não na sua plenitude e na forma, como ceratmente, desejaríamos.

Referências

- Cifuentes-Faura, J. (2020). Consecuencias en los Niños del Cierre de Escuelas por el Covid-19: El papel del Gobierno, profesores y Padres. *Consecuencias del Cierre de Escuelas por el Covid-19 en las Desigualdades Educativas*, pp. 1-12.
- Dias, É., & Pinto, F. C. (s/d de jul/set de 2020). A Educação e a Covid -19. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, pp. 545-554. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>
- Figueiredo, C. (02 de novembro de 2020). *CUF*. Obtido de CUF: <https://www.cuf.pt/mais-saude/covid-19-o-impacto-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil>
- Rainho, M. (07 de setembro de 2020). *Ordem dos médicos*. Obtido de Ordem dos médicos: <https://ordemdosmedicos.pt/e-o-desenvolvimento-emocional-dos-mais-jovens-o-impacto-da-pandemia/>
- UNESCO. (abril de 2020). COVID-19 resposta educacional. *Estratégias de ensino à distância em resposta ao fechamento das escolas devido à COVID-19*. UNESCO.
- UNESCO. (2020). Protecting and Transforming Education for Shared Futures and Common Humanity - A Joint Statement on the COVID-19 Crisis. *Futures of Education - learning to become*.
- UNESCO. (s.d.). *UNESCO*. Obtido de UNESCO: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>